

Megan Hunter

O
FIM
DE
ONDE
PARTIMOS

The book cover features a stylized illustration. A large, reddish-brown clock tower with two visible clock faces and a pointed roof stands on a hill. The hill is composed of numerous concentric, wavy layers of a vibrant blue color, creating a sense of depth and movement. In the background, a large, bright yellow sun or moon is partially obscured by the tower's peak. The overall composition is layered and surreal.

Tradução de
MARIA DO CARMO FIGUEIRA

ELSINORE

Para a minha mãe e o meu filho.

*O que chamamos o começo é muitas vezes o fim
e fazer um fim é fazer um começo.
O fim é de onde nós partimos.*

T. S. ELIOT, *Quatro Quartetos*¹

¹ Trad. Gualter Cunha, Relógio D'Água Editores, 2004.

|.

Estou a poucas horas de dar à luz, do momento que julguei que nunca iria acontecer-me, e o R foi subir a uma montanha.

Depois de eu lhe enviar um SMS, ele manda o seu amigo S para ver como estou e começa a descer a montanha.

O S está assustado e trouxe o J.

O J também está assustado e trouxe cerveja.

De um canto da sala, olham-me como se eu fosse um animal imprevisível, um gorila trôpego de pança descaída e olhos desconfiados. De vez em quando, dão-me uma banana.

Tentam ver futebol. Rosno. Rosno uma e outra vez até que, por fim, me solto de águas, com a lagoa de mim a alastrar-se lentamente para lá dos meus dedos dos pés.

Eles saltitam como pequenos pássaros à volta da água, debruçam-se sobre a minha cabeça gigantesca, falam em chaleiras e toalhas quentes.

Digo-lhes que tenho de fazer força, eles recuam e pegam nos telemóveis.

* * *

No princípio, só existia o mar, só existia o céu. E do céu veio um rochedo que caiu no fundo do mar. O rochedo ficou coberto por um manto de limos e desses limos nasceram as palavras.

* * *

Antes de eu começar com a dilatação, combinamos: o R vai ter as suas duas noites na natureza. Vai escalar e caminhar, acampar e procurar comida.

Estou com quase tanto de largura como de altura.
No supermercado, as pessoas evitam-me. Às vezes, fico presa em corredores estreitos.

Sozinha, sem ajuda, a cabeça recompõe-se.

* * *

Planeámos um parto dentro de água, com canto de baleias, hipnotismo e, talvez, até um orgasmo.

O meu cinismo habitual foi afugentado pelo medo da dor, de perder o controlo, de todas as coisas sujas de sangue e a esticarem-se.

O momento do parto agiganta-se diante de mim, como aconteceu com a perda da virgindade, como acontece com a morte. O inevitável, escondido e à espera, algures.

Uma vez, quando tinha uns oito anos, olhei para um poste telefónico com toda a força que consegui. Tirei uma fotografia mental e obriguei-me a lembrar-me dele nessa noite.

Depois de o fazer, foi como se o resto do dia não tivesse existido. Aterrorizei-me com a ideia de repetir isto no momento da morte e de conseguir fazer desaparecer toda a minha vida com um truque.

Quando era pequena, pensava que tinha sido escolhida para o nosso tempo. O tempo do fim. O tempo do medo.

* * *

Estou grávida de trinta e duas semanas quando anunciam: o nível das águas está a subir mais depressa do que se pensava. Está a aproximar-se com mais rapidez. Um erro de cálculo. Um filme mal escrito, sensores à deriva.

Escondemo-nos debaixo do edredão com uma lanterna, como crianças. Pergunto ao R se, mesmo assim, o teria feito. Se tivesse sabido. Ele não responde.

Aponta a lanterna para o edredão e faz dos dedos sombras de patos. Decido interpretar isso como um sim.

* * *

Sou uma primigesta geriátrica, mas não pareço. Temos sofás de cabedal. O R entorna em cima deles a comida que comprou e faz um sorriso rasgado: limpa.

Estou de 38 semanas quando nos dizem que temos de nos mudar. Que estamos na Zona do Gole.

Digo: quem inventou esse nome devia ser cozido em banho-maria. O R passa a noite toda no site da mesma imobiliária. A Internet está muito lenta.

* * *

O homem veio de um germe. Inventámo-lo a partir desse germe, de coágulo de sangue a ossos e carne espessa. Erguemo-lo sob uma das suas pontas, uma nova criação.

* * *

O J chama uma ambulância e o S espreita palidamente pela janela.

Eu olho para o chão de madeira. Nunca tinha reparado que era tão bonito.

Tem exatamente a cor do crepúsculo e as espirais erguem-se como pequenos planetas por entre o seu lustro.

O mundo brilha entre as ondas que o estripam com a sua força. Sinto-me um Aldous Huxley em mesalina. Estou ensopada num permanente estado de ser.

* * *

Quando estou de trinta e nove semanas, dizem-nos que, afinal, não temos de nos mudar; foi tudo um engano. Tenho as minhas dúvidas, resmunga o R, olhando de relance para a minha barriga.

* * *

O R chega quatro minutos depois de o menino nascer, carrancudo e amarelo, para as mãos da parteira. Estou demasiado exausta para lhe pegar. Doem-me os olhos depois de três horas a fazer força. Tenho o ninho desfeito em polpa.

* * *

Na escuridão, os demónios voaram. As suas formas tornaram-se um ruído assustador até que se ouviu uma voz e elas calaram-se e fez-se um silêncio absoluto.

* * *

Estou no hospital quando o R chega para me contar a novidade, mas já sei. As notícias espalharam-se pela enfermaria como uma infeção.

Na cama à frente da minha, uma rapariga com idade para ser minha neta faz festinhas ao filho pequeno com uma mão e ao recém-nascido com a outra.

Os colegas da escola vêm visitá-la e olham de soslaio para as minhas tetas quando passam.

Tenho as veias inchadas e com o tronco nu, para que a minha pele toque na do menino, que é misterioso e se mantém em silêncio. Em certos momentos, estremece, como se estivesse a lembrar-se de qualquer coisa.

De noite, uma enfermeira de ombros arqueados como um começo de asas aproxima-se da minha cama e dá-me o menino. Diz que os olhos dele parecem os de um tubarão. Parecem todos.

* * *

A senhora do outro lado da cortina não tem bebé.

Ou tem, mas ele está no andar de cima dentro de uma caixa de plástico cheia de fios e tubos, e ela geme por mais medicação.

Cesariana de urgência, ouço as parteiras murmurarem. Dão-lhe os remédios.

Ela tem um rádio e não usa auscultadores. Tem a sua dor e não tem bebé, por isso, não digo nada.

Gosta, sobretudo, de programas com participação de ouvintes, com intermináveis telefonemas para o estúdio em diferentes sotaques que me perpassam o corpo da mesma maneira.

As frases transbordam, imparáveis. Cadeiras de espera, documento, pressão, resposta.

Parecem subir debaixo de mim, como uma banheira a encher. Como uma indigestão. Como algo a que uma fraca analogia nunca faria justiça.

* * *

Quando oiço, estou a comer gelatina de limão com o menino aninhado no meu braço.

Gira as mãos, cerradas em punhos minúsculos e vitoriosos. Tenho a sensação de que, considerando tudo o que aconteceu, seria capaz de conquistar o mundo.

O noticiário à hora certa, 14 de junho, uma hora da tarde. Apresentação de Tina Murphy. Uma inundaçãõ sem precedentes. Londres. Inabitável. Uma lista de bairros, como um aviso à navegaçãõ, com os respetivos nomes a tornarem-se repentinamente tão perfeitos e ternos como nomes de criançãs. Das nossas criançãs.

Passadas duas horas, o R já está aqui, a dar outra vez a notícia, encostando o menino ao ombro. A pedir desculpa, como se a culpa fosse dele.

* * *

Agora, o hospital parece um navio, uma arca profusamente iluminada, abrigando todos os mais novos e mantendo-os à superfície.

Nós — as mulheres de batas abertas nas costas, a rebentar pontos na casa de banho — somos a sua escolta.

A comida torna-se muito pior.

||.

Ao terceiro dia, correm connosco. Não há nada em mim que esteja intacto, mas o menino está são, completamente feito, coroadado com um nome que o acompanhará até à cova.

Estivemos quase para lhe chamar Noah, mas chegaram-nos ecos desse nome por entre as cortinas. Uma escolha popular.

Não consigo ter pensamentos originais e, por isso, o R mete mãos à obra e desencanta a lista que, noutra universo, tanto trabalho nos deu.

Tristan, Caleb, Alfred, recita o R enquanto o menino chupa resolutamente o meu seio ainda vazio.

Jonas, Gregor, Bob, entoa ele junto às fraldas nojentas do menino.

Percy, Woody, Zeb, canta ele à janela. Londres nada para longe à frente dele com reflexos sombrios. O menino mexe a cabeça no momento da última sílaba e a decisão fica tomada. Chamamos-lhe Z. Zumbimos, zzzz, com a esperança de que isso faça dele um dorminhoco.

* * *

Sentamos o Z no carro, na sua cadeirinha de alta tecnologia.
Seguimos pelas estradas que restam.

O R põe a tocar os Beach Boys. Safamo-nos. Arranjamos
maneira de sair.

O R aprendeu a guiar numa quinta. Descobre atalhos,
curvas apertadas, veredas onde se ouvem pássaros
a cantar.

* * *

O Z dorme todo o tempo que demoramos a percorrer
a espinha curvada do país, até às montanhas onde o
R nasceu.

Quando chegamos, a mãe dele sai de casa a correr,
de braços abertos.

* * *

*Nesses dias, ergueremos os olhos e, veremos o sol a cruzar
a noite e a relva a crescer. Todos chorarão infinitamente
e a lua afundar-se-á.*

* * *

O N, pai do R, não desliga a televisão. Fico na cozinha,
a única divisão onde não há ecrãs, com o meu inchaço
dorido em cima de uma almofada e o bebé apertado
contra o peito.

A G, mãe do R, fala sem parar. Esta agitação parece ser o primeiro efeito secundário.

Tudo deixou de estar parado e está a vir à superfície.

* * *

Ao terceiro dia, o R começa a construir. Há um barracão no jardimem que podemos morar, diz ele, desde que se façam algumas obras.

Todos os dias o Z abre os olhos um bocadinho mais. Estou permanentemente atenta ao complexo processo da respiração: à forma como o coração tem de continuar a bater para levar oxigénio ao sangue, para encher e esvaziar os sacos dos pulmões. Ou algo do género. Dá a sensação de que pode parar a qualquer momento. Às vezes, está a dormir tão sossegadamente que parece que morreu.

* * *

Dormimos quase sempre no antigo quarto do R, agora com duas camas e a alfofa a ranger de cada vez que o Z se mexe.

Lá em baixo, as notícias sucedem-se como o movimento do trânsito. Nada as torna reais, nem sequer saber que o nosso antigo apartamento está submerso.

O Z é real, com o seu pequenino crânio de gato e a sua caca de cheiro adocicado. As notícias sucedem-se. É fácil ignorá-las.

* * *

Todas as manhãs, quando acordo, os lençóis estão molhados. Sou eu que os molho com o que me sai dos seios; estou deitada em leite. O Z estica-se e o vime agita-se. O R já se levantou. Se me puser à escuta com atenção, consigo ouvi-lo a martelar no jardim.

As palavras flutuam pela escada acima como ímãs de letras atraídos pela porta de um frigorífico. Fase final, civilização, catástrofe, humanitário.

Quando vou para o jardim com o Z, ele abre os olhos à sombra das árvores e vejo que estão cheios de nuvens. Beijo-lhe a cabeça e ficamos a ver o R. Ao fundo do jardim, só há uma pilha de tábuas, não há casa nenhuma.

* * *

Os momentos de que mais gosto são quando o N e o R e, às vezes, a G saem de carro à procura de mantimentos. Demoram horas, por causa das filas e da escassez de alimentos e das discussões. Estou livre disso, por ter o Z e por o meu corpo ainda não se ter curado.

Às vezes, o Z dorme em cima de mim enquanto estou a ler ou a ver um filme (nunca noticiários), outras vezes, dorme no carrinho (dado por uns vizinhos) e eu lavo as manchas amarelas dos seus *babygros* no lavatório.

A caca vai pelo ralo abaixo, como se fossem bichos pequeninos. A água jorra-me sobre as mãos e vai enchendo o lavatório.

O Z continua a respirar. Não há novidades. Não se ouve ninguém a martelar. É destes momentos que eu gosto.

* * *

A G fala sem parar, mas está feliz. Aliás, nunca a tinha visto tão feliz. Está sempre a dizer que é como se estivesse a haver uma guerra, apesar de nunca ter vivido guerra nenhuma.

Ela gosta de fazer comidas simples com coisas simples. Gosta de fazer render a carne para a semana inteira. Quando ela diz isto, só me vêm à ideia tendões repuxados por toda a casa, ligando a torneira ao puxador da porta, a cadeira à lareira.

Nunca sabia o que havia de dizer à G, mas agora vou dando palmadinhas no rabo do Z e sorrio para ela. Ele deu-me um propósito.

* * *

Hoje em dia, passamos uma grande parte do tempo com a sensação de que estamos num navio. Depois do navio do hospital, o navio da casa dos sogros, com o minúsculo camarote que se transformou no nosso mundo.

O R está a construir, mas a pilha de tábuas ali permanece.

* * *

O dia em que eles não voltam das compras está lindo: o sol é coado pelas folhas verdes e o bebé está a engordar a olhos vistos.

Aqueço a sopa e, quando começa a fazer-se tarde, ponho a panela ao lado do fogão.

Canto para o Z. Vejo o céu escurecer até se apagar.

Vamos para a cama. Em vez de o deitar na alfofa, ponho-o ao pé de mim e adormeço com o nariz encostado à têmpora dele, sentindo a sua pulsação.

* * *

E, nesse dia, o vento varrerá os campos em sinal de aviso, as mães segurarão os filhos, os pastores perderão as ovelhas.

* * *

De manhã, tudo está estranho e vazio, como costumava acontecer quando acampávamos. Começo a ver-me como um urso, com a minha cria agarrada ao pescoço, quando ouço o carro.

O R e o N saem devagar. Nem sinal da G. Entram em casa como se fossem soldados, como pessoas a desvanecerem numa fotografia antiga.

Nem sinal da G.

* * *

Um pano de cozinha na parte de trás do carro, um emaranhado de pássaros em tons pastel. Um dos que ela mais gosta.

Na mala do carro, uns quantos embrulhos tocados pela vergonha, espalhados, com as arestas quase a tocar umas nas outras.

* * *

O R e o N sentam-se dentro de casa como se nunca a tivessem visto. Endireito o Z contra o meu ombro e faço chá, como se esperaria que fizesse. Despejo muito açúcar no chá.

Demasiados, diz o R. Tão pouco.

Pandemónio, tenta dizer o N, espalhando sílabas sobre a mesa.

A G não está em lado nenhum, mas a cozinha está cheia dela, o seu rosto a nascer do vapor da chaleira, a forma da sua cintura a envolver os frascos.

Eles ficam a olhar para o chá. O R sopra o seu. Nenhum deles lhe toca.

«O continente está a arder, dizem em muitas palavras.
Depois das cheias, o fogo. Estou a perder a história.
Estou a esquecer.»

Enquanto Londres é submersa por cheias fruto de uma misteriosa crise ambiental, uma mulher dá à luz o seu primeiro filho, Z. Dias mais tarde, a família vê-se forçada a abandonar a sua casa, de modo a manter-se em segurança. De sítio para sítio, de abrigo em abrigo, a sua jornada é carregada de medo e esperança, à medida que as pequenas mãos de Z conhecem o mundo que ele vê pela primeira vez, crescendo e esticando-se alegremente contra todas as expectativas.

Num mundo familiar que se tornou perigoso e instável, forçando as pessoas que nele vivem a tornarem-se refugiadas, esta é a história de uma nova maternidade, no centro de um cenário tenebroso: um futuro imaginado tão realista quanto assustador. E, ainda assim, enquanto o país em seu redor começa a ruir, o mundo desta família — um mundo vivo, cheio de esperança reanimada — canta, pleno de amor.

«Hipnotizante. Uma estreia cheia de força na sua brevidade, com o historial poético da autora a brilhar através das páginas.»

Bookseller

ELSINORE

entre nós e as palavras.

20|20 editora

ISBN 978-999-9964-05-5



9 789898 864055

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT